

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

Samia de Oliveira

**O EGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFID/UFRGS NO UNIVERSO
FITNESS, NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE:
suas condições de trabalho**

**Porto Alegre
2016**

Samia de Oliveira

**O EGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFID/UFRGS NO UNIVERSO
FITNESS, NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE:
suas condições de trabalho**

Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Física, submetido como requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado em Educação Física na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Myskiw

**Porto Alegre
2016**

Samia de Oliveira

**O EGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFID/UFRGS NO UNIVERSO
FITNESS, NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE:
suas condições de trabalho**

Conceito final: _____

Aprovado em _____ de _____ de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mauro Myskiw – UFRGS

Profa. Maitê Venuto de Freitas – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus; a Cristo Jesus o meu Salvador.

À minha amada família, sem a qual eu certamente não teria conseguido chegar até aqui. Com certeza, a compreensão, paciência e apoio de vocês me encorajaram a seguir esse caminho.

Em especial à minha querida mãe, que sempre me incentivou a continuar e acreditar nos meus sonhos; ao meu pai por acreditar em mim.

Aos meus abençoados amigos. Que bom ter amigos tão especiais para compartilhar esse momento! Vocês preencheram minha vida com amor, com carinho, com incentivo, com compreensão, e com oração.

À minha querida amiga Cristine Peres, pela paciência, e principalmente, por não me deixar desistir e acreditar que a realização desse trabalho seria possível.

À minha discipuladora Cândida e ao pastor Mario pela oração e palavras de sabedoria. Agradeço a Deus pela vida de vocês.

Aos meus orientadores, Maitê Venuto e Mauro Myskiw, pelo auxílio e atenção neste período, fundamental para minha formação acadêmica.

A todos profissionais que participaram da pesquisa, contribuindo para construção desse trabalho.

A essa Universidade, por todo conhecimento adquirido, por todas as pessoas incríveis que pude conhecer, pela formação, não apenas de estudante ou profissional, mas de uma cidadã muito mais crítica e conhecedora do meu papel na sociedade.

Por fim, agradeço a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo identificar as condições de trabalho dos egressos do curso de Educação Física da Escola Superior de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no universo *fitness*, na região metropolitana de Porto Alegre/RS. O estudo buscou saber como os profissionais descrevem as características gerais do mercado *fitness*; Conhecer as condições de trabalho no que se refere às leis trabalhistas; Verificar as condições objetivas de trabalho sobre a sua rotina diária; Identificar como se dá a relação do profissional com os Conselhos CONFEF/CREF; Saber se ocorreram dificuldades ou barreiras para ingressar no mercado de trabalho. Para isso, foi realizada uma pesquisa exploratória através de uma entrevista semiestruturada, com egressos de Educação Física do curso de bacharelado, formados entre 2015/2 e 2016/1. As respostas foram analisadas e separadas de acordo com as unidades de significado, a fim de atender as demandas dos objetivos específicos. As conclusões vão ao encontro daquilo que era aguardado, tendo em vista que foi encontrado um mercado muito promissor, mas que por vez não favorece o trabalhador, o qual parece estar inserido em uma lógica de mercado como se a tendência à informalização do trabalho já fosse um fato concreto na sociedade.

Palavras-chave: Educação Física. Condições de Trabalho. Egressos. Fitness.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	CONSOLIDAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA COMO CAMPO DE TRABALHO..	9
2.1	CAMPOS DE TRABALHO EM EDUCAÇÃO FÍSICA	9
2.2	REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSÃO	11
2.3	CONCEITO DE TRABALHO	13
3	DECISÕES METODOLÓGICAS	18
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO	18
3.2	PARTICIPANTES DA PESQUISA	18
3.3	PROCEDIMENTOS DE ENTREVISTAS	19
3.4	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	21
4	CONDIÇÕES DE TRABALHO NO UNIVERSO <i>FITNESS</i>	22
4.1	MERCADO FITNESS.....	22
4.2	PROTEÇÃO TRABALHISTA.....	23
4.3	TRAJETÓRIA DOS PROFISSIONAIS.....	25
4.4	EXPECTATIVAS DE FORMAÇÃO PARA O TRABALHO	27
4.5	VIDA ÚTIL DO PROFISSIONAL	29
4.6	CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA	31
4.7	ROTINA DE TRABALHO	32
4.8	CONDIÇÕES DE INTERVENÇÃO E DE REMUNERAÇÃO	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
6	REFERÊNCIAS	41
	APÊNDICES	44

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos o mercado *fitness* tem ocupado um grande espaço na economia brasileira, no entanto, diante de tal expansão, não são poucas as reclamações indicando que o professor que passa anos em sua preparação acadêmica é o menos favorecido no momento da divisão dos lucros. Essa situação, tal como explica Alves (2007), está relacionada com a crescente precarização do mundo do trabalho, materializada pela instabilidade no emprego, pelas mudanças nas formas de contratação do trabalhador, pela inconstância salarial, pela falta de perspectiva na carreira.

Iniciei a introdução desta forma e com essas informações porque, desde 2012, sou licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e venho me esforçando para ingressar de forma formal e mais estável no mercado de trabalho, porém sem êxito até o momento. Trabalhei por dois anos em uma escola particular de forma informal, recebendo apenas R\$ 8,00 por hora/aula. Na sequência fui aprovada para exercer a função de professora substituta do Colégio de Aplicação da UFRGS, o que durou apenas um semestre. Foi uma ótima experiência, com um ótimo salário, porém por tempo limitado.

Investi, então, no retorno ao curso de Educação Física da UFRGS, desta vez para concluir minha formação como Bacharel, o que já estava em meus planos desde o início. Apesar desse planejamento de continuidade, imaginei que assim que me graduasse em licenciatura conseguiria um emprego fixo na área, o que não aconteceu. Ao ingressar no mundo do bacharelado constatei uma realidade que muito escutava dos meus colegas, mas que parecia tão distante de mim. Muitas vezes ouvi comentários sobre as jornadas extenuantes de trabalho e o baixo valor de remuneração, também no universo do mercado *fitness*.

Exatamente essa questão foi investigada por Quelhas (2012), com o objetivo de compreender processos de precarização do trabalho no setor de serviços, com centralidade nos trabalhadores da Educação Física inseridos no mercado do *fitness*. Em seu estudo, o autor identificou que as empresas do *fitness*, desde a década de 1990, vêm evidenciando uma exploração do profissional de Educação Física, com contratos temporários e trabalho autônomo.

Ao findar o meu contrato temporário com Colégio de Aplicação/UFRGS também decidi procurar trabalho no mercado *fitness* e rapidamente uma porta se abriu. Desde então, questões referentes à profissão se tornaram preponderantes em minhas reflexões, tendo em vista que estou a mais de um ano trabalhando na mesma academia de forma informal e

recebendo um valor incompatível com o que o Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) e o Conselho Regional de Educação Física (CREF) estabelecem.

Ao me deparar com tal realidade profissional, tentando buscar as primeiras compreensões desse universo de intervenção, encontrei vários estudos sobre as mudanças no mundo do trabalho, bem como suas relações com a Educação Física. Nozaki (2004), por exemplo, afirma que novas necessidades do mundo do trabalho surgem de um crescimento da Educação Física não escolar, um mercado precário, no qual impera a informalidade. Estas novas tendências do mercado de trabalho, inclusive, abriram margem para uma reformulação curricular, levando a separação das graduações em licenciatura e bacharelado.

Afirmações como estas, portanto, coincidem com aquilo que estive experimentando no universo do trabalho *fitness* e igualmente com os comentários dos colegas. Mas será que esta situação de inserção de trabalho é algo vivenciado por outros egressos dos cursos de Educação Física da UFRGS? Quais são as condições de trabalho que os egressos desses cursos, especialmente aqueles oriundos do bacharelado, vivenciam no universo *fitness*? Essas condições, na região metropolitana de Porto Alegre, são realmente precárias, perversas, informais?

Esse conjunto de questões me motivou a aprofundar os estudos, no sentido de analisar, com mais dados empíricos (para além da minha experiência e dos comentários escutados), as condições de trabalho dos egressos do curso de Educação Física da Escola Superior de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no universo *fitness*, na região metropolitana de Porto Alegre/RS.

Para atingir esse objetivo, foram traçados os seguintes objetivos operacionais (específicos):

- Saber como os profissionais descrevem as características gerais do mercado *fitness*;
- Conhecer as condições de trabalho no que se refere às leis trabalhistas;
- Verificar as condições objetivas de trabalho sobre a sua rotina diária;
- Identificar como se dá a relação do profissional com os Conselhos CONFEF/ CREF;
- Saber se ocorreram dificuldades ou barreiras para ingressar no mercado de trabalho.

Nas páginas que seguem entendo como importante discutir brevemente algumas concepções identificadas no processo histórico de consolidação do campo da Educação Física até os dias de hoje; Campos de trabalho em Educação Física; Regulamentação da profissão e os Conselhos CONFEF/CREF; bem como o Conceito de trabalho.

O presente estudo justifica-se, por levantar reflexões importantes sobre as condições de trabalho do egresso inserido no universo *fitness*, num cenário que está em constante crescimento, mas por vezes reconhecido tanto pela literatura, tanto pelos profissionais, como precário devido sua informalidade. No entanto, não se pretende aqui contemplar todo universo *fitness*, mas contribuir para que os egressos entendam melhor as condições de trabalho de uma dentre tantas áreas de atuação.

2 CONSOLIDAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA COMO CAMPO DE TRABALHO

2.1 Campos de trabalho em Educação Física

Desde o início a Educação Física foi influenciada pelo sistema capitalista, segundo Caparroz (1997) a Educação Física voltava-se para construção do aprimoramento físico, um corpo forte e disciplinado, apto para o trabalho. Tal influência advém da “[...] passagem da sociedade agro-exportadora para a industrial no país, a necessidade de se forjar um determinado homem, com disciplina não só para o trabalho, mas para servir à defesa do país [...]”. (NOZAKI, 2004, p. 6)

No final da década de 1960, em outro momento do desenvolvimento do capitalismo no país o esporte torna-se reconhecido, ganhando espaço consistente na formação profissional da Educação Física. No entanto, a partir da década de 1980, durante o processo de redemocratização da sociedade brasileira, esse modelo esportivista/mecanicista, começou a ser criticado por estar voltado apenas para o fazer pelo fazer. Gerando assim, uma resistência à concepção biológica da Educação Física. (DARIDO; RANGEL, 2005)

Corroborando com a ideia do parágrafo anterior, Nozaki (2004, p.142) afirmam que:

A educação física brasileira, inicialmente apoiada em projetos higienistas e militaristas, na consolidação do capitalismo no país, e tendo como conteúdo dominante a ginástica, modificou-se, na década de 70, já em um contexto de recomposição do capital, para adotar um projeto esportivista, ligado a um contexto sócio-político ditatorial, em que o esporte foi utilizado na escola como o próprio conteúdo da Educação Física, na perspectiva da pirâmide esportiva. De uma ou outra forma, pode-se dizer que a Educação Física obedeceu, historicamente, seja sob o conteúdo da ginástica, ou do esporte sobrepondo sua identidade, à composição do paradigma da aptidão física, sendo utilizada, via escola, para compor o projeto dominante do capital.

A partir da década de 90, num contexto diferenciado das demais décadas, mediado pelo agravamento da crise do capital e pelo avanço das políticas neoliberais no país, surge um novo tipo de formação humana, baseado no modelo das competências, a fim de formar um trabalhador polivalente com capacidade crítica, de raciocínio lógico, de abstração, interatividade e decisão. Sendo assim, a Educação Física vista como uma disciplina reprodutora de movimentos acabou perdendo sua centralidade na composição do projeto dominante, como costumava ter. (NOZAKI, 2004). Desta forma, a área passou a ser influenciada pelos novos métodos de ginástica norteamericanos, bem como pela busca do corpo desejável estipulado pela sociedade capitalista. Tendo em vista o viés liberal, as pessoas tornaram-se responsáveis pela sua saúde e passaram a buscar saúde e qualidade de vida nas

academias de ginástica e musculação. Nesse contexto o sedentarismo passa a ser visto como problema de saúde pública.

No que se refere à busca da atividade física por motivos de saúde, Coimbra (2009, p. 54) em sua tese nos ajuda a entender tal situação:

De acordo com a Associação Brasileira de Academias (ACAD) um marco na história do fitness foi a publicação do relatório do Surgeon General e do Center for Disease Control and Prevention, “Physical Activity and Health”, nos Estados Unidos em 1996. O conteúdo do referido relatório afirma que o sedentarismo é um problema de saúde pública. Os gastos com a saúde nesse país, no ano de 2000 corresponderam a 14% do PIB, (BERGALLO, 2004) em tempos neoliberais, no qual o Estado se mostra mínimo na garantia aos direitos sociais facilmente chega-se à conclusão de que a saúde vem onerando os cofres públicos e o que contribui para solucionar parte do problema é investir na prevenção. Assim sendo, a prática de exercícios físicos é compreendida como forma de amenizar a situação, tendo em vista que 50% desses custos são decorrentes de doenças crônicas, a exemplo da hipertensão, diabetes, obesidade, aterosclerose, artrite e osteoporose, relacionados ao estilo de vida, dentre os quais se destaca o sedentarismo.

Sendo assim, o mercado *fitness* passa a ser ainda mais impulsionado a partir de um sistema neoliberal no qual o sistema de saúde torna-se ainda mais privado, as pessoas passam a buscar por si mesmas uma melhora na sua qualidade de vida. No meu curto período de experiência, pude perceber que uma parcela significativa dos meus alunos de treinamento funcional procura a prática de atividade física devido a problemas de saúde diversos.

No entanto, partindo do pressuposto da cultura corporal, o mercado capitalista vem transformando o corpo em mercadoria, fomentando a busca incessante pelo corpo perfeito – malhado, músculos definidos com pequeno percentual de gordura. Gerando, como já foi citado, um crescimento acelerado do mercado *fitness*. (COIMBRA, 2009)

Conforme estudos realizados por Silva e Damiani (2005); Figueira e Goellner (2005), as práticas corporais têm sido utilizadas para seguir estereótipos e os modelos de beleza. Ter um corpo perfeito passou a ser uma tendência contemporânea. Tais modelos têm sido explorados pela mídia, como um culto ao corpo que gera necessidades, para o tempo de lazer, o exercitar-se constitui-se como um dever ser, uma obrigação.

Sendo assim, as práticas de atividade física vêm se intensificando, acentuando o mercado *fitness*. Segundo Quelhas (2012), tal impulso se deu principalmente entre 1990 e 2000, com uma forte influência norteamericana.

Segundo Coelho Filho (2000) no final dos anos 1980 e início da década de 1990, a expansão das academias como negócio trouxe para esse ramo profissionais de outras áreas, como a administrativa. Assim se deu início a grandes empreendimentos, os quais estão

caracterizados pelo consumo de bens e serviços cada vez mais diversificados e que passaram a oferecer novas modalidades nas aulas de ginástica, padronizando suas aulas, ampliando as possibilidades de satisfazer os gostos da demanda.

Entretanto, é possível afirmar que o mercado de trabalho, segundo alguns autores e a partir da minha prática profissional, por vezes não favorece o trabalhador no que diz respeito à estabilidade financeira, remuneração.

Nessa perspectiva, segundo Coimbra (2009), é evidente que desde o final do século XX, no Brasil, as práticas corporais praticadas pelos profissional/professor de Educação Física vêm sofrendo mudanças no seu conteúdo, bem como no seu campo de atuação.

A proliferação das práticas nas academias de ginásticas, clubes, condomínios e nos espaços de lazer fez com que a própria formação profissional da educação física fosse insistentemente questionada, sob o ponto de vista do preparo do professor para a atuação nos vários campos de trabalho, assim vislumbrados no horizonte daquela área. (NOZAKI, 2004, p.9)

Tudo isso, fomentou ainda mais a discussão referente à regulamentação da profissão, de modo a garantir a valorização da mesma.

2.2 Regulamentação da profissão

O Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) criado pela Lei Federal nº 9.696, de 1º de Setembro de 1998, é um órgão integrante do serviço público federal, para normalizar, orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício das atividades próprias dos Profissionais de Educação Física e das pessoas jurídicas, cuja finalidade básica seja a prestação de serviços nas áreas das atividades físicas, desportivas e similares. Com autonomia administrativa, financeira e patrimonial e personalidade jurídica distinta entre si e seus registrados, esse órgão divide a área de atuação profissional da Educação Física em duas diretrizes; São elas: Curso de licenciatura, de graduação plena lei Nº 9696, de 1º de Setembro de 1998, art. 12 e Bacharelado (Graduação em Educação Física). Posto que:

A licenciatura trata-se de um curso de formação profissional de professor que habilita para o Magistério do Ensino Básico (Resolução CNE/CP nº 1/2002), com tempo de duração de três anos e carga horária de 2.800 horas. Bacharelado (Graduação em Educação Física): Curso de formação profissional de Educação Física que habilita para todos os segmentos do mercado de trabalho no campo das atividades físicas e esportivas, exceto no Magistério da Educação Física no Ensino Básico (Resolução CNE/CES 7/2004), com tempo de duração de quatro anos e carga horária de 2.880 horas - aguardando pela aprovação de Parecer que significaria alteração para 3.200

horas. OBS.: No caso do curso de Licenciatura em Educação Física, realizado sob a égide da Resolução CFE nº 3/1987, com duração de quatro anos, por normas legais, possibilita atuação em todos os segmentos do mercado de trabalho (REVISTA CREF/SP, 2005. p. 27).

No art. 04 da mesma lei, é criado o Conselho Regional de Educação Física (CREF), que é um órgão de representação, disciplina, defesa e fiscalização dos profissionais de Educação Física em cada região do país, no sentido de auxiliar o CONFEF em sua atividade de regulamentação e fiscalização, atuando como órgão consultivo do Governo.

Todavia, segue a percepção de diferentes autores sobre a efetivação da regulamentação da profissão da Educação Física, buscando conhecer em que medida essa ação foi favorável ou desfavorável.

Gawryszewski (2005); Nozaki (2004), afirmam que a regulamentação do profissional de Educação Física deve-se a exigência de se ter um especialista para atuar na área informal (academias, clubes, dentre outros) e na área formal (escolas), garantindo assim um espaço de mercado definido para os profissionais com formação de nível superior; inclusive com a fiscalização de diferentes órgãos, como o CONFEF (área informal) e o Conselho Nacional de Educação (CNE), que regulamenta a licenciatura. No entanto, os autores defendem que os profissionais de Educação Física deveriam ter liberdade de atuação, tendo em vista que uma vez galgada a graduação, os mesmos estariam aptos a exercer as funções respectivas à sua habilitação (Educação Física). Já que o caráter pedagógico esta presente tanto dentro da escola como no ambiente não escolar.

No estudo de Betti citado por Primo e Souza (2015), a separação entre licenciatura e bacharelado deve-se a ampliação e diversificação do mercado de trabalho, já não mais restrito à Escola. Na ânsia de atender ao mercado de trabalho, os currículos de Licenciatura em Educação Física sofreram um "inchaço", provocado pela incorporação de conteúdos ligados à novas áreas de atuação (musculação, ginástica aeróbica, educação física adaptada, entre outros).

Segundo Coelho Filho (2000, p. 27):

[...] a criação do bacharelado na área foi entendida pela Comissão como uma resposta às críticas à formação do licenciado, sobretudo, após a constatação do fenômeno da esportivização da sociedade, fato que alterou substancialmente os hábitos de vida da população mundial, em particular da população brasileira, após os anos 70, diversificando e expandindo a procura e a oferta de atividades físicas não escolares, notadamente no sentido do lazer e da saúde. Em consequência disso, os cursos de Educação Física foram incorporando disciplinas científicas, pedagógicas e técnicas, acarretando a descaracterização da especificidade dos currículos de

licenciatura plena, ao mesmo tempo em que negavam as competências específicas para a atuação profissional fora da escola.

Segundo Anderáos (2005) alguns autores defendem a regulamentação da profissão devido a uma reserva de mercado, garantindo as áreas de atuação do profissional de Educação Física. Ou seja, não pode ser exercida por qualquer pessoa, tendo em vista que se trata de uma área vinculada à saúde que quando mal regida poderá acarretar em prejuízo a saúde da população. “As principais argumentações giram em redor de pressupostos da “defesa da sociedade” contra os leigos, de questões éticas emanadas do seu código de ética e das competências que o profissional de Educação Física deve reunir.” (ANDERÁOS, 2005, p.162). Entretanto, a autora questiona o posicionamento de CONFEF/CREF quando existe uma reserva de mercado para os chamados provisionados - trabalhadores que já atuavam em várias modalidades de atividades físicas antes da regulamentação da Profissão (Lei n.º 9.696/98) - os quais são registrados mesmo sem ter acesso ao nível superior.

Baseado na pesquisa realizada por Nozaki (2015) a história da regulamentação da profissão de Educação Física no Brasil, esta pautada em três fases:

A primeira relacionada aos profissionais que manifestavam e/ou escreviam a respeito desta necessidade, sem, contudo desenvolver ação nesse sentido; a segunda na década de 1980 quando tramitou o projeto de lei relativo à regulamentação sendo vetado pelo Presidente José Sarney. E a terceira vinculada ao processo de regulamentação aprovado pelo Congresso e promulgado pelo Presidente da República Fernando Henrique Cardoso em 01/09/98, publicado no Diário Oficial de 02/09/98.

Hoje se entende que a regulamentação da profissão se deu em virtude dos profissionais da época atuarem prioritariamente em unidades escolares, os cursos serem exclusivamente de licenciatura e os currículos voltados essencialmente à formação de profissionais para atuarem no ensino formal. Historicamente, a área era responsável por oferecer profissionais a um mercado pré-determinado: a escola.

Dessa forma entendo que por causa da ampliação e diversificação do mercado de trabalho, e devido aos professores já estarem debaixo de uma legislação própria da categoria, surge a necessidade de regulamentar a profissão.

2.3 Conceito de trabalho

Ao desenvolver estudos de trabalhos que abordaram o trabalho do professor-profissional de Educação Física, uma primeira preocupação minha foi entender o que esses estudos e reflexões definiam como trabalho. Nessa perspectiva é que, nesta seção, passo a apresentar alguns conceitos e entendimentos encontrados.

No estudo de Both (2009), notei que o autor cita e utiliza Marx (1989) como referência e apresenta o trabalho como indispensável para existência do homem, independente da formação social que está inserido, pois é através dele que se torna possível manter a humanidade. Sendo visto como um conjunto atividades manuais e intelectuais, constituído pela espécie humana visando assegurar sua subsistência.

Segundo Basso (1998), o trabalho pode ser visto como o instrumento da intervenção do humano sobre o mundo e da sua apropriação (ação de tornar próprio) por nós.

Sendo assim, entende-se que por meio do trabalho que o homem satisfaz suas necessidades básicas bem como sua satisfação pessoal.

Contudo, com o desenvolvimento do capitalismo o trabalho tem muitas vezes deixado de assegurar a subsistência do homem, pois este tem se submetido a situações de precariedade, onde seus direitos não são atendidos. Conforme Both (2009), devido o avanço do capitalismo o homem deixa de produzir apenas para sua existência (necessidades básicas, trocas) e passa a produzir para “outros”, vende sua mão de obra. O trabalho torna-se meio de ganhar a vida, deixando de ser uma atividade que faz parte da vida, pois o homem não possui mais sua integralidade.

O capitalismo já passou por significativas mudanças e reformas, sendo que algumas teorias são marcos históricos, porém queremos ressaltar a influência do neoliberalismo para entendermos melhor o mercado de trabalho como um todo nos dias atuais, tendo em vista que o sistema neoliberal afetou não apenas o trabalhador da Educação Física, mas toda sociedade.

Segundo Nozaki (2015) o neoliberalismo trata-se de uma redefinição do papel do Estado, ou seja, o mesmo passa a ter uma desobrigação, ampliando os serviços privados e sem obrigação de "vínculo".

O Neoliberalismo segundo (COIMBRA, 2009, p. 82).

“[...] o Estado, comumente, é compreendido como mínimo, pois transfere para a iniciativa privada a prestação de serviços de saúde, educação e previdência social. Além disso, prevê a privatização de empresas estatais e o enxugamento do quadro administrativo. Entretanto, o Estado, mostra-se máximo quando o importante é garantir os interesses do capital. Sendo assim, financia com dinheiro público empresas privadas, interfere na legislação trabalhista permitindo maior precarização das relações de trabalho e aprova reformas pontuais do interesse do capital.”

Sendo assim, a classe trabalhista parece ser a mais prejudicada, com uma maior precarização das relações de trabalho, ausência de políticas públicas.

Segundo Coimbra (2009) a precarização do trabalho está relacionada com a instabilidade no emprego, mudanças nas formas de contratação do trabalhador, inconstância salarial, falta da perspectiva de carreira e o crescimento do desemprego aberto¹. A autora também traz que o capitalismo em si mesmo tem uma conotação de precariedade, sendo algo inerente ao sistema, pois nessa lógica o poder financeiro se encontra nas mãos de poucos, o que leva o restante da população a se submeter a formas desgastantes de trabalho a fim de atender suas necessidades básicas.

“O capital, na busca incessante por obter mais lucros tende a exaurir as forças físicas, intelectuais e psicológicas do trabalhador até ao máximo, constituindo uma das formas de precarização do trabalho”. (COIMBRA, 2009, p. 22)

Quelhas (2012) evidencia a precarização do trabalho no segmento *fitness* através do piso salarial e da quantidade mínima de aulas que os professores conseguem assegurar em cada academia de ginástica. Os professores que atuam em regime horista tendem a ganhar menos que um salário mínimo, porém, há uma justificativa à exploração por conta de supostas compensações a partir do trabalho como *personal trainer*.

Neste cenário, consideramos de grande importância refletir sobre a inserção do profissional de Educação Física, pois com a implantação do neoliberalismo ocorreu o crescimento das academias de ginástica, tendo em vista um mercado de trabalho liberal e autônomo, no qual o Estado deixa de exercer suas obrigações. Por conseguinte abriram-se novos campos de atuação do professor de Educação Física, que até então se concentrava, em grande expressão, no trabalho escolar. (NOZAKI, 2015). Assim, os trabalhadores do campo não escolar passam a atuar de forma mais efetiva nas escolinhas de esporte, nas atividades de recreação e de lazer, e, principalmente, no universo *fitness* representado pelas academias de ginástica e musculação.

Desse modo, inicia-se o processo de reordenamento do trabalho do professor-profissional de Educação Física, tendo em vista uma economia baseada no sistema autônomo e na exploração da força de trabalho, aumentando a precarização do trabalhador.

Outra questão que chamou minha atenção, ao realizar os estudos de trabalhos já existentes, foi à preocupação (enfática) destes em caracterizar como a Educação Física,

¹Desemprego aberto: pessoas que procuraram trabalho de maneira efetiva nos trinta dias anteriores ao da entrevista e não exerceram nenhum tipo de atividade nos sete últimos dias. (MENDES, 2014, p. 49)

enquanto área de intervenção (inclusive seus conteúdos) vem sendo impactada pelas dinâmicas de um sistema denominado de capitalista ou neoliberal. Essa é uma questão recorrente que Both (2009) nos ajuda a entender no seu estudo sobre: Mudanças no mundo do trabalho e suas mediações na Educação Física. O autor ressalta que a Educação Física teve por muito tempo um papel fundamental na formação do cidadão saudável para o mercado trabalho, o que perpetuava a disciplina como fator indispensável na escola. No entanto, temos visto um mercado cada vez mais exigente, no qual o trabalhador precisa dominar aspectos: técnico profissional, a língua estrangeira, informática e práticas comportamentais.

É como define Nozaki (2004, p.05) ao afirmar que:

Capacidades tais como abstração, facilidade de trabalho em equipe, comunicabilidade, resolução de problemas, decisão, criatividade, responsabilidade pessoal sob a produção, conhecimentos gerais e técnico tecnológicos (língua inglesa e informática, por exemplo), entre outros, tornam-se balizadoras do processo educativo para o mundo do trabalho no atual estágio do capitalismo.

Sendo assim, a Educação Física ainda busca espaço frente às outras disciplinas vistas como fundamentais para o desenvolvimento do trabalhador. A Educação Física tem se desenvolvido muito ao longo dos anos dentro da escola, porém, por vezes tem assumido um papel secundário no ambiente escolar onde os próprios alunos precisam buscar a prática de atividade física fora da escola.

Por outro lado, conforme Both (2009) a saída do professor da escola, baseado na noção de empreendedorismo, o mesmo vislumbra a possibilidade de atuar no mercado do meio não escolar, o qual vem crescendo, porém tem apresentado características de precarização a partir de um sistema neoliberal.

Estudos mostram que no Brasil, o mercado *fitness* cresce em ritmo acelerado. De acordo com a *Fitness Brasil*, organizadora da maior feira do ramo na América Latina, o mercado já movimenta R\$ 4,8 bilhões ao ano, e só em 2014 foram abertas mais de sete mil academias no país. Esses números colocam o Brasil como o segundo país com maior número de academias do mundo – são mais de 30 mil estabelecimentos.² Como consequência, a cada ano cresce mais o número de profissionais formados em Educação Física, motivados pelas expectativas favoráveis de um mercado de trabalho em expansão.

²Revista on-line Formula Academia. Disponível em: <<http://formulaacademia.com.br/setor>>. Acesso em 10 de nov. 2016.

Entretanto, alguns autores, como Frizzo; Silva (2011) trazem que a formação dos professores esta pautada em modismos e necessidades de mercado, o qual tem apresentado condições cada vez mais precárias e inconstante. Anderáos (2005) também corrobora com a ideia que pensar a educação apenas pela perspectiva de mercado é um contra-senso. O autor diz que o mercado não pode ser o balizador supremo da educação, mas sim deve ser visto como um dos componentes do panorama necessário, quando se pensa em formação de nível superior.

Desse modo, conforme Both (2009) vem ocorrendo uma análise curricular como um todo, para entender as demandas do novo mercado de trabalho.

Baseada no estudo de Gawryszewski (2005) percebe-se que o campo de atuação da Educação Física está cada vez mais amplo; abrange academias, clubes, hotéis, espaços de lazer, entre outros como *o personal trainer* o qual aparece em alta nesse mercado apontado como neoliberalista em que *o personal trainer* tem liberdade de atuação como profissional liberal³, onde o estado tem a desobrigação de prover o pleno emprego.

O personal trainer é o treinador pessoal, um profissional que deve ter uma formação em Educação Física, que está capacitado a ministrar e supervisionar os treinamentos seguindo os objetivos de quem o contrata, respeitando os princípios básicos do treinamento.

Conforme a literatura a chegada do *personal trainer* no Brasil também se deu em meados de 1990 e 2000, estimulado pelas personalidades norteamericanas. Desde então, o treinamento personalizado vem ganhando espaço e aumentando a sua participação no universo *fitness*. (BOSSLE; FRAGA, 2011)

Entretanto a literatura assinala um mercado cheio de incertezas marcado pela produtividade pessoal e competitividade. O profissional torna se responsável pela sua inserção no mercado, onde o mais bem qualificado ganha espaço. Desse modo, o profissional tem-se submetido a um mercado de trabalho em alta, porém altamente competitivo, por vezes tem se transformado em um empresário do ramo *fitness* a fim de obter maiores rendimentos.

³Profissional liberal:aquele que exerce uma atividade com nível superior;prestador de serviço; contratado como pessoa jurídica. (MENDES, 2014, p. 23)

3 DECISÕES METODOLÓGICAS

Nesse capítulo são apresentadas as decisões metodológicas, iniciando com caracterização da investigação, seguido da apresentação dos participantes da pesquisa e dos procedimentos das entrevistas, bem como análise das entrevistas a fim de atingir os objetivos do presente estudo.

3.1 Caracterização da investigação

Este estudo caracterizou-se pela pesquisa descritiva exploratória. Conforme Gil (2008) a pesquisa exploratória proporciona maior familiaridade com o problema, com a finalidade de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, que poderão contribuir para pesquisas posteriores.

Silva (1996) ressalta que descrever, explicar, interpretar e compreender os variados elementos da experiência e como ela é vivida pelo sujeito investigado, caracteriza e fundamenta o caminho pretendido, através da generalização naturalista dos dados.

Mattar (1999) nos traz que a pesquisa descritiva deverá ocorrer quando o propósito do estudo for descrever as características de grupos, estimar a proporção de elementos que tenham determinadas características ou comportamentos, dentro de uma população específica, descobrir ou verificar a existência de relação entre variáveis.

Sendo assim, com tais instrumentos investigativos pretende-se compreender melhor o universo *fitness* no qual está inserida uma parcela dos egressos de Educação Física.

3.2 Participantes da pesquisa

O presente trabalho foi realizado com egressos do Curso Educação Física da ESEFID/UFRGS, estes inseridos no universo de trabalho *fitness*, na região metropolitana de Porto Alegre.

Para elaboração compor o grupo de profissionais que fizeram parte da pesquisa, primeiramente, solicitamos à Comissão de Graduação do Curso de Educação Física (COMGRAD-ESEFID) os contatos de e-mail dos egressos, de modo que, 62 contatos de graduados no período de 2015/2 e 2016/1 foram obtidos.

O segundo passo foi elaborar e enviar um e-mail com uma breve descrição do propósito da pesquisa e solicitando a participação voluntária. Como obtive pouco êxito, foi realizada uma busca através da Rede Social *Facebook*. Desta forma, foi possível localizar e contatar 17 egressos. Destes egressos localizados, seis não estão atuando no mercado *fitness* e sete aceitaram participar de uma entrevista. Algumas informações de caracterização dos interlocutores estão disponíveis no quadro 1 abaixo.

Quadro 1 – Caracterização dos profissionais colaboradores do estudo

PROFISSIONAL	CARACTERIZAÇÃO
1	30 anos, formado em licenciatura em 2012/1 e no bacharelado em 2016/1, atuante em Porto Alegre, como professor e sócio em um estabelecimento de treinamento funcional.
2	25 anos, formado no bacharelado em 2016/1, atuante na cidade de Canoas, como <i>personal</i> e <i>Coaching</i> .
3	28 anos, formado no bacharelado em 2015/2, atua em Porto Alegre e Camaquã, como <i>personal</i> e presta serviços de gestão em uma academia.
4	25 anos, formado em licenciatura em 2013/1 e bacharelado em 2016/1, pós-graduado em Educação Física Escolar pela Universidade Estácio de Sá, atua em Porto Alegre, como professor em uma escola particular e como <i>personal</i> .
5	29 anos, formada em licenciatura em 2011/1 e no bacharelado em 2016/1, pós-graduada em Cinesiologia e mestrado em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS, atuante em Porto Alegre, como <i>personal</i> .
6	27 anos, formado no bacharelado em 2016/1, atua em Porto Alegre, como instrutor de musculação e <i>personal</i> .
7	32 anos, formada no bacharelado em 2016/1, atua na Barra do Ribeiro, como instrutora de musculação em uma parceria com proprietário.

Fonte: elaborado pela autora.

3.3 Procedimentos de entrevistas

A produção das informações com os colaboradores inseridos no universo de trabalho *fitness* foi feita por meio de uma entrevista semiestruturada.

A entrevista semiestruturada consiste em combinar perguntas abertas e fechadas, onde o interlocutor tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. De modo que o pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, porém com um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal, tornando a pesquisa ainda mais enriquecida. (BONI; QUARESMA, 2005)

Para a realização das entrevistas foi construído um roteiro (este disponível no Apêndice 1), composto por 5 questões abertas, estas elaboradas em face das demandas dos objetivos específicos (operacionais) do presente trabalho. As perguntas elaboradas procuraram saber sobre: 1. Condições de trabalho no que se refere às leis trabalhistas; 2. Condições objetivas de trabalho sobre a sua rotina; 3. Sobre a relação do profissional com os

Conselhos CREF/CONFEF; 4. Dificuldades para ingressar no mercado de trabalho; 5. Relação da profissão com a atualidade.

Considerando a dificuldade de encontrar pessoalmente os entrevistados, assim como levando em consideração a dinamicidade da própria intervenção profissional, optei pela realização da entrevista com a utilização de uma mídia virtual, um aplicativo denominado de WhatsApp⁴.

As entrevistas foram feitas através de mensagens eletrônicas, gravadas na forma de áudio e também no formato de textos, trocadas através da referida mídia virtual. Essa é uma forma de investigação que, conforme Santos (2009), deve ser considerada. Para esta autora[...] “as comunidades, os sites de relacionamento, as redes de sociabilidade e todo o tipo de site que possibilita aos usuários postar mensagens podem ser utilizadas como fonte de dados para pesquisas sociais” (p. 139).

A utilização desse método de coleta se mostrou uma boa escolha, pela facilidade em localizar os egressos, rapidez com que as respostas foram obtidas e pela isenção de custo em todo processo da pesquisa.

Os procedimentos para coleta de dados e termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) em pesquisas realizadas remotamente o Conselho Nacional de Saúde (CONEP) e Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CNS) está trabalhando com os seguintes entendimentos:

Para as pesquisas realizadas pela internet, o TCLE, pode ser aplicado pela mesma via da coleta dos dados. Assim sendo, ele deve conter todos os itens aplicáveis elencados na Resolução 466/2012, em linguagem clara e objetiva, contendo a forma como tirar suas dúvidas, tanto com o pesquisador como com o CEP. Sua validação decorre da própria identificação dada pelo meio eletrônico, ou seja, o endereço de e-mail.(PROCEDIMENTOS PARA PESQUISAS....., 2016)

Dessa forma, foi enviado para o e-mail de cada um dos entrevistados o TCLE que consta no (Apêndice 2).

⁴WhatsApp é um dos aplicativos de mensagens instantâneas mais populares do mundo. ILHE, G. Saiba como tornar o WhatsApp uma plataforma efetiva de relacionamento com o cliente.2015. Disponível em:<<https://www.ecommercebrasil.com.br/artigos/saiba-como-tornar-o-whatsapp-uma-plataforma-efetiva-de-relacionamento-com-o-cliente/>>. Acesso em 16 nov. 2016.

3.4 Análise das entrevistas

Para alcançar o objetivo desta etapa da pesquisa foi utilizado o método de análise de conteúdo temático. No estudo Bardin citado por Minayo (2004, p. 209) a análise de conteúdo temática consiste em:

[...] um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Para melhor desenvolvimento da pesquisa temática, entende-se como necessário aprofundar essa linha de análise através dos núcleos de sentido, que consiste num processo de redução do texto às palavras e expressões significativas. Portanto, primeiramente foi realizada uma leitura visando uma primeira aproximação com os dados. Realizada a leitura de todas as respostas do questionário, foi feito um recorte de acordo com as unidades de significado, buscando os dados mais relevantes para construção do trabalho, assim os dados foram organizados na forma de categoria e subcategorias. Por fim, a partir da leitura do material iniciou o processo de descrição, bem como a análise interpretativa, fazendo aproximações e distanciamentos com outros trabalhos. (MINAYO, 2004)

Essa organização, citada no parágrafo anterior foi sugerida por Minayo (2004), sendo ela dividida em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtido.

4 CONDIÇÕES DE TRABALHO NO UNIVERSO *FITNESS*

Neste capítulo, serão apresentados os resultados obtidos a partir das respostas dos interlocutores. Tais resultados estão dispostos a partir de sua representatividade diante do assunto abordado, dentre eles: Mercado *fitness*; Proteção trabalhista; Trajetória dos profissionais; Expectativas de formação para o trabalho; Vida útil do profissional; Conselhos CONFEF/CREF; Rotina de trabalho; Condições de intervenção e remuneração.

4.1 Mercado *fitness*

Uma das questões que as entrevistas com os interlocutores me ajudaram a entender foi sobre a caracterização do mercado *fitness*. Obviamente, que não se pretende aqui trazer todos os elementos que caracterizam esse mercado, mas algumas informações apresentadas pelos entrevistados e que são relevantes para que se possa compreender o universo do trabalho. Estarei apresentando os elementos que foram levantados, como, mercado em crescimento, estabilidade profissional e condições de trabalho.

Quanto ao crescimento do mercado ressalto a manifestação do entrevistado nº 02:

Tem muito a crescer, o *boom do fitness*, da saúde essa epidemia de obesidade e síndrome metabólica tende a valorizar mais o bacharel. [...] o Bacharel indo para esse meio, tem muita gente que paga muito bem, se eu fosse atuar em Porto Alegre eu iria procurar as academias mais *tops*, público para pagar bem, tem que aproveitar esse *boom*. Acho que as coisas vão melhorar cada dia mais. (ENTREVISTADO Nº 02)

Porém, ao contrário dessa expectativa econômica positiva, tal qual enunciado na literatura, percebi uma desvalorização dos serviços prestados pelos profissionais, tendo em vista que esse profissional para atingir um *status* profissional, ganhar uma renda que seja suficiente para sustentar uma família, muitas vezes se torna necessário trabalhar em mais de um lugar ou se submeter ao trabalho informal. Como o serviço de *personal*, por exemplo, tem crescido muito, entretanto não existe nenhuma estabilidade para o profissional. A respeito disso, destaco algumas afirmações dos colaboradores:

O mercado da Educação Física ainda é bastante restrito para quem não quer depender de fazer um milhão de coisas diferentes [...]. (ENTREVISTADO Nº 05)

Algumas profissões você conseguiria mais estabilidade [...] Acho que o bacharel em Educação Física é um cara que tem muita oportunidade. (ENTREVISTADO N° 03)

Não acho tão fácil conseguir um espaço no mercado. Fácil no sentido de um bom emprego, media de R\$ 1.500,00 não chega a R\$ 2.000,00. Quando você pensa em uma carreira, manter uma família e estudar é complicado com salário abaixo de R\$ 2.000,00.(ENTREVISTADO N° 03)

As dissertações de Both (2009) e de Coimbra (2009) confirmam e complementam os relatos dos meus colaboradores; as pesquisas desses autores apontam características dos campos não escolares, tais como: o trabalho em vários locais para compor o rendimento mensal e a desregulamentação do trabalho.

Não raramente, os egressos de Educação Física por vezes precisam se submeter a trabalhos de grande instabilidade a fim de se colocar ativos no mercado de trabalho, e mesmo aqueles que além de ter duas graduações, mestrado e especialização acabam se submetendo ao mercado informal, permitindo que o aluno defina quanto vale o seu trabalho.

[...] eu fiz especialização em Cinesiologia e tenho mestrado, só que essas coisas dentro do mercado, quando lidamos direto com o aluno não temos um acréscimo financeiro imediato [pensando]. Vamos ter acréscimo se conseguirmos trabalhar com aqueles alunos que tem a capacidade aquisitiva maior. (ENTREVISTADO N° 05)

Somos formandos para ser funcionários, essa é uma questão que eu já vi em quase todas as faculdades [...] não tem uma visão estratégica de mercado, gestão de carreira, onde estamos e para onde vamos. Acabamos entrando em um ciclo que tu se forma e trabalha um pouco no mercado e tu enjoa e vê que não vai dar certo e acaba trocando de profissão ou acaba ficando na mesma se tu não almeja grandes conquistas financeiras. (ENTREVISTADO N° 03)

Quelhas (2012) ajuda a entender tal colocação acima. Em sua dissertação aponta que o setor do *fitness* tende a monopolização, deixando cada vez mais distante o sonho de que muitos egressos da Educação Física começariam seu próprio negócio. Ou seja, grandes empreendimentos nesse setor têm sido realizados por grandes empresários, enquanto o profissional da Educação Física vem se tornando predominantemente de trabalhador assalariado.

4.2 Proteção trabalhista

Quanto às condições de trabalho, relacionadas às leis trabalhistas, através das entrevistas com meus colaboradores, percebi que o trabalho de *personal* foi o que mais se

destacou nas manifestações, no entanto não existe nenhum tipo de vínculo empregatício ou contrato de trabalho, como salientam alguns entrevistados:

Não tenho contrato de trabalho em nenhum local e nem com os alunos. (ENTREVISTADO N°02)

Eu atuo como *personal* sem vínculo empregatício, apenas pago uma taxa para academia. (ENTREVISTADO N°04)

Não tenho carteira assinada, nem décimo terceiro não tenho férias, então eu que me organizo para ter todas essas coisas com aquilo que eu recebo dos meus alunos. (ENTREVISTADA N°05)

Trabalho como *personal*, por isso não tenho vínculo empregatício em lugar nenhum e nem com meus alunos, não teria como. (ENTREVISTADA N°05)

Eu vendi a minha academia, então vou te responder pela minha situação atual, eu não tenho vínculo empregatício, só estou dando aula de *personal* mesmo. (ENTREVISTADO N°03)

Essa falta de estabilidade, de vínculo empregatício, conforme Coimbra (2009) é um dos elementos mais importantes na configuração da precarização do trabalho. O *personal* é visto como uma ocupação precária por se tratar de uma prestação de serviço sem relações formais de trabalho, assim, desprovida de proteção social (MENDES, 2014).

Como profissional liberal, o *personal* além de realizar um trabalho especializado com seu aluno, trabalhando na prevenção de doenças, propiciando resultados de acordo com a necessidade do aluno, também acaba captando alunos para academia, tendo em vista que esse profissional pode exercer esse trabalho, em parques, nas casas e principalmente nas academias. Contudo, segundo Quelhas (2012 p. 228), “[...] seu trabalho não lhe garante, a princípio, nenhum direito trabalhista, como férias, décimo terceiro, aposentadoria”.

Nesse contexto, destaco a fala de um dos colaboradores referente à estabilidade profissional:

Não tenho nenhum vínculo empregatício, não pago o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e nem penso em pagar. Penso em trabalhar até o último dia da minha vida, fazendo o que eu faço hoje, porque eu amo o que eu faço, acho que isso não seria um benefício pra mim. (ENTREVISTADO N° 02)

Tal fala demonstra que o profissional está cada vez mais inserido nas novas condições de trabalho, sendo levado a atuar à margem de uma legislação trabalhista existente, aos direitos trabalhistas historicamente conquistados. Segundo Mendes (2014), se deixarmos de lado tal legislação e os direitos sociais dos trabalhadores, estaremos reforçando a lógica de

exploração de mão de obra, permitindo ao mercado regular como quiser esta relação, sem limites.

Disso resulta a grande relevância da proteção trabalhista, pois como explica Quelhas (2012, p. 224) “[...] com o processo de neoliberalização da economia passou-se a exigir um perfil profissional da pessoa autônoma, do profissional liberal em quase todas as profissões [...]”. Nessa mesma linha, Alves; Antunes (2004) salientam que antes o que imperava na fábrica era o emprego formal, com vigência dos direitos trabalhistas, agora, o trabalho desregulamentado está se expandindo em escala global em muitas profissões.

Ao contrario do que foi relatado sobre a conformidade de alguns sobre deixar de lado as leis trabalhistas, por outro lado, observei que também há uma preocupação em contribuir com INSS. Os entrevistados nº 03 e nº 05 chamaram a atenção para esse quesito.

O INSS eu recolho porque eu tinha academia antes e isso eu já faço há cinco anos, já pensando em aposentadoria. (ENTREVISTADO Nº 03)

Pretendo contribuir no INSS, como eu sei que o caminho que eu escolhi e a profissão que eu tenho, sou profissional liberal né. (ENTREVISTADA Nº 05)

Segundo Nogueira (2006) metade da população Brasileira economicamente ativa não conhece o direito de ver sua carteira de trabalho e previdência social assinada. Parece um dado assustador, o qual reforça ainda mais a precarização do trabalho. Sendo necessário buscar novas formas de manter as garantias do trabalhador, que parece ser o lado mais frágil dessa situação. Entendo como relevante a discussão não somente no âmbito da Educação Física, mas para os profissionais em geral.

4.3 Trajetória dos profissionais

No decorrer das entrevistas, surgiu uma nova pergunta sobre a trajetória acadêmica, tendo em vista compreender como esses egressos entraram no universo *fitness*, diante da multiplicidade de possibilidades de atuação. Com base nos resultados recorrentes, posso destacar que o mercado *fitness* não era a primeira opção dos entrevistados, no entanto com a ampla dimensão e atratividade do mesmo, muitos acabaram se envolvendo, como os entrevistados a seguir.

O entrevistado nº 01, por exemplo, ingressou na licenciatura, porém durante seu período de graduação já estava trabalhando em uma academia, na qual se manteve após sua formatura de licenciado. Surgiu, então, a necessidade de retornar para o curso de formação

inicial, com o objetivo de obter também o título de bacharel. Atualmente ele tem sua própria academia.

O interlocutor nº 02 entrou na faculdade com o intuito de trabalhar com o futebol, foi monitor da disciplina e também atuou como preparador físico do Clube São José, entretanto, não demorou muito para começar a atuar em uma academia e logo surgiram alunos de *personal*, permanecendo assim na área.

O entrevistado nº 03 iniciou sua jornada acadêmica na Biologia em 2007 na Pontifícia Universidade Católica (PUCRS), ingressando logo na Educação Física em 2009 pela UFRGS. Pensava em atuar na Biologia e manter a Educação Física como um *hobby*. Entretanto, começou a ter interesses no mercado de Educação Física (universo *fitness*) e resolveu se manter no mesmo abrindo sua própria academia.

O entrevistado nº 04 ingressou na licenciatura, atraído pelo judô. Exerceu algumas funções na área. Porém, logo foi indicado para trabalhar em uma academia e rapidamente surgiram algumas indicações de *personal*. Da mesma forma que o entrevistado nº 01, ele também retornou a Universidade como reingresso de diplomado formando-se no curso de bacharelado. Mas ele além de atuar como *personal*, atua como professor na área escolar, sendo esta sua principal renda.

A entrevistada nº 05 ingressou na faculdade pensando em trabalhar com Ginástica Olímpica e, por um período desenvolveu atividades de ginástica com as meninas da ESEFID. Entretanto, no meio do curso resolveu trancar a formação para conhecer coisas novas e pensar se estava no caminho certo. Ao retornar explica que descobriu a área da musculação e desde então tem se especializado e atuado nessa área.

Nessas rápidas sínteses das trajetórias procurei sublinhar o fato de que o universo *fitness* tem atraído os egressos da Educação Física, tanto os licenciados quanto os bacharéis. Sendo que um dos motivos pelos quais o universo *fitness* estar atraindo os egressos pode estar relacionado segundo Gawryszewski (2005) a desvalorização do magistério e a proliferação de práticas corporais no setor não formal nos anos 80 e 90 que passaram a atrair cada vez mais professores, especialmente aqueles recém-formados para atuarem no campo não escolar.

Desse modo, além de ser uma área em crescimento, tal como os relatos permitem entender, é fácil de entrar, por uma indicação, por um estágio, etc. Dos sete entrevistados, quatro tiveram sua entrada no mercado pelo estágio, seja ele curricular ou não curricular:

Fiz estágio em uma ótima academia, que eu tive um aprendizado bem legal, que a coordenadora ensinava bastante. [...] quando me formei eu já tinha alguns alunos e continuei com eles e comecei a trabalhar imediatamente na academia onde eu fazia estágio, então eu achei bem tranquilo (ENTREVISTADA Nº 05)

[...] eu venho trabalhando com a musculação desde o início da graduação, tenho bastante experiência na área (ENTREVISTADA Nº 07)

Eu já trabalhava muito antes, quando eu era estagiário ainda. Dentro do estágio eu já entrei no mercado de trabalho e a partir daí foram surgindo ao natural às propostas de trabalho. (ENTREVISTADA Nº 04)

O primeiro lugar que eu trabalhei na verdade eu era aluno da academia e o cara me ofereceu um estágio, aí eu fiquei trabalhando ali por uns quatro anos e, depois, através do site da UFRGS, eu consegui meu segundo estágio [...]. Quando me formei agora em 2016 eu falei com o cara que era coordenador da academia que eu trabalhei [...] perguntei para ele se tinha vaga, alguma coisa, ele falou que tinha essa vaga aqui. Aí fiz a entrevista tudo certinho e comecei a trabalhar a partir do dia 21 de setembro. (ENTREVISTADA Nº 06)

O estágio curricular ou não curricular tem sido a porta de entrada para muitos, pois ali o estudante tem a oportunidade de aplicar seus conhecimentos teóricos, de vivenciar na prática esse universo, que por vezes não pode ser atingido somente com as práticas da graduação. Seguindo nessa perspectiva foi possível perceber que alguns egressos sentiram a falta de um aprofundamento maior das práticas corporais relacionadas ao universo *fitness* dentro da sua formação, sendo necessário buscar por conta um maior aprofundamento, através de cursos e especializações. Assim senti a necessidade de explorar mais os relatos sobre as expectativas de formação para o trabalho.

4.4 Expectativas de formação para o trabalho

Ao relacionarem as trajetórias acadêmicas com as dificuldades encontradas para ingressar no mercado *fitness* (universo *fitness*), foi recorrente a afirmação dos interlocutores de que durante a graduação já estavam envolvidos com a área e que não tiveram dificuldade de ingressar. No entanto, chamou minha atenção o fato de vários deles ressaltarem que não encontraram na formação curricular alguns elementos que consideram importantes para exercer a profissão na área *fitness*. A seguir ressalto alguns relatos relevantes sobre entrada no mercado *fitness*, bem como os conteúdos necessários para atuar nesse mercado. Isso tornou-se importante porque, nas entrevistas, os profissionais interlocutores produziam análises das suas formações em relação à trajetória de intervenção. Vários ressaltaram que durante a graduação poderiam ter mais disciplinas específicas para atender suas reais necessidades.

O entrevistado nº 01, por exemplo, sugere que deveria ter disciplinas com conhecimento de farmacologia, bioestatística, bioética para entender os artigos da nossa área, para entender os processos biológicos do aluno. Já o colaborador nº 03 destacou a necessidade

de aprender a montar um treino, sendo que a faculdade oferece apenas uma disciplina de musculação, que está mais voltada para teoria e não ensina a montar um treino: “a gente sai da faculdade sem nunca montar um treino, se você não tem uma vasta experiência de treino próprio você não consegue atender as necessidades do aluno [...]”. O entrevistado nº 07, por sua vez, diz que o conhecimento adquirido na área da musculação foi bem mais na prática dos estágios do que na faculdade. E a entrevistada nº 05 ressaltou que as disciplinas atendem parcialmente ao mercado de trabalho.

Notei claramente uma expectativa dos profissionais de que a formação universitária estivesse mais voltada para as demandas do trabalho e do mercado. Entretanto, a própria entrevistada nº 05 se questiona se isso é possível: será que uma única graduação é capaz de dar conta de todas as necessidades, principalmente por se tratar de uma área com tantas possibilidades?

Eu não sei se uma graduação tem como atender profundamente cada área específica [...] Também entendo que a universidade tem esse papel de abrir portas dentro de uma área de atuação [...] só conseguimos aprofundar esses conhecimentos trabalhando mesmo ou fazendo cursos para se aperfeiçoar [...] (ENTREVISTADA Nº 05)

A partir do questionamento sobre o currículo atender as necessidades do trabalho no mercado *fitness*, os interlocutores a seguir trazem aspectos relevantes sobre o currículo e o mercado de trabalho como um todo.

Acho ele bem completo para algumas coisas, mas ele volta mais para formação de professores e não tanto de profissionais do campo da saúde de trabalho em clube ou academia [...]. Acredito que muita coisa poderia ser explorada mais. (ENTREVISTADO Nº 06)

A UFRGS é muito pesquisa, muito meio acadêmico, falta uma inserção no mundo do trabalho real [...] tem que ir atrás por conta. (ENTREVISTADA Nº 07)

Acho que o currículo não é suficiente para nenhuma das duas áreas [Licenciatura e Bacharelado]. (ENTREVISTADA Nº 07)

Além do atendimento às necessidades do trabalho, ao serem questionados sobre o currículo, ficou evidenciada a questão de uma formação única e não fragmentada entre licenciatura e bacharelado. O entrevistado nº 4 afirmou que deveria ter uma Educação Física geral e o bacharelado seria uma especialização, assim não havendo uma licenciatura e bacharelado. Este mesmo entrevistado, sendo formando primeiramente na licenciatura, manifestou seu entendimento de que seria desnecessária tal divisão, tendo em vista que: “[...] tudo que um bacharel faz a gente pode fazer na faculdade”. A entrevistada nº05 também não

acha necessário à divisão licenciatura e bacharelado, pois ela entende que o profissional de Educação Física é sempre professor, seja na escola ou fora da escola. Sendo que o licenciado pode aproveitar os conhecimentos do bacharel dentro da escola a fim de enriquecer ainda mais o seu trabalho.

Conforme mencionado na revisão de literatura, existe uma grande diversificação/demanda de mercado no campo de atuação do profissional de Educação Física (a área escolar, da saúde, recreação e lazer, esporte, academias, empresas privadas e públicas, entre outros). Sendo assim, o currículo da Educação Física passou e tem passado por várias discussões e modificações, que visam contemplar a demanda exigida pelas novas perspectivas do mercado de trabalho, no entanto ainda fica a reflexão sugerida por Anderáos (2005), sobre a educação não poder estar pautada unicamente nas necessidades de mercado, tendo em vista um mercado que está em constante mudança. Entretanto, como desconsiderar as reais necessidades do profissional? Do mesmo modo que me parece bem difícil contemplar toda essa demanda em um curso de formação único de quatro anos como sugerem alguns interlocutores. Nesse sentido, permanece a necessidade de se manter as discussões referentes ao currículo dos cursos de Educação Física, tendo em vista que as disciplinas curriculares exercem uma forte influência no processo de formativo.

4.5 Vida útil do profissional

Transparece de maneira muito clara nas entrevistas que a inserção e a permanência do profissional no mercado *fitness* vêm atravessada pela exigência de um padrão de beleza e de juventude valorizado pela sociedade contemporânea. Manter a aparência física e a juventude parecem ser quesitos fundamentais para esse profissional. Entretanto, se no início da carreira é relativamente fácil se manter, em longo prazo esse critério vai sendo mais questionado e também vai se tornando um problema.

Nesse sentido é que foi possível identificar, na argumentação dos colaboradores, uma preocupação com a vida útil, bem como um interesse em investir em coisas novas e buscar uma regularização no que se refere às leis trabalhistas. A respeito disso, conforme é possível observar abaixo, os entrevistados nº 01 e nº 02 chamam atenção para a valorização da juventude como requisito para o trabalho no *fitness*, e também como um dos determinantes para o encurtamento da vida profissional em razão deste elemento.

Sei que nossa profissão, ela tem uma remuneração mais baixa só se sustenta até você ter o rostinho bonito à cara jovem. (ENTREVISTADO N° 01)

[...] eu notei em Balneário Camboriú/SC um profissional de 50 anos atuando como *personal* e perdendo alunos devido à idade, estava defasado. Eu não sabia se isso iria acontecer comigo resolvi juntar dinheiro e abrir um negócio para mim. Em Porto Alegre tinha mais possibilidades então voltei e abri a academia junto com mais dois sócios. (ENTREVISTADO N° 2)

Segundo Mendes (2014) constatou-se que, no mercado *fitness*, existe uma tendência cada vez maior de redução da vida útil da força de trabalho, tendo em vista um esgotamento da capacidade laborativa por volta dos cinquenta anos. Não quer dizer que todos serão excluídos por causa da idade, mas parece evidente que os trabalhadores do mercado *fitness* são predominantemente jovens, o que pode restringir os espaços de trabalho, limitando assim sua vida produtiva e suas possibilidades de aquisição de renda, o que leva muitos profissionais a procurar outras áreas de atuação ou abrir seu próprio negócio. Tal situação aparece na fala do colaborador n° 06, que segue abaixo:

Minha ideia é daqui alguns anos tentar fazer um mestrado, alguma coisa assim, aí depois juntando uma grana suficiente, tentar abrir meu próprio negócio, abrir uma sala de *personal* um estudo de funcional, não ficar dependendo só de salário. (ENTREVISTADO N° 06)

O entendimento manifestado por Mendes (2014) no parágrafo anterior coincide exatamente com as manifestações dos meus colaboradores. Não é estranho, portanto, notar a preocupação com o futuro, esta manifestada no interesse em investir em um negócio próprio, ou mesmo a busca de empregos em outras áreas, uma vez que se torna um grande desafio ver o tempo passar e não conseguir uma estabilidade profissional. Investir em um negócio na linha do mercado *fitness* parece, na manifestação de entrevistados, como bem favorável, tendo em vista que o mercado que mais cresce nos últimos anos.

Pensando em longo prazo alguns interlocutores desta pesquisa cogitam em investir na carreira acadêmica, a fim de encontrar uma estabilidade profissional. Ao questionar o Entrevistado n° 3 sobre o motivo que o levou a vender sua academia, o mesmo relatou que não tinha tempo para investir no mestrado. Então ele fechou seu empreendimento para investir no mestrado, afirmando que: “meu plano hoje é fazer mestrado e doutorado, já fazer tudo junto para dar aula mesmo em faculdade, passar em algum concurso para dar aula na faculdade”, isto porque, conforme explica a Entrevistada n° 05, “ser professor de *personal* agora é muito legal, mas não sei quanto tempo eu seguirei fazendo isso. Acho que ao longo do caminho estarei aberta a novas possibilidades. Tenho a ideia de seguir a carreira acadêmica”.

A partir da colocação dos entrevistados do parágrafo anterior pode-se fazer uma ligação com a tese de Coimbra (2009) quando evidencia o universo *fitness* por vezes como instável e volúvel. Ou seja, entende-se a necessidade e preocupação dos egressos em procurar outras áreas de atuação, a fim de encontrar estabilidade e constância profissional.

4.6 Conselho Federal de Educação Física

Outro aspecto a ser considerado foi a relação dos entrevistados com os Conselhos CONFEF/CREF quando interrogados sobre os mesmos, eles revelaram algumas características marcantes, sobre essas instituições, as quais podemos agrupar em: multar e fiscalizar; cobrar anuidade e não ter nenhuma utilidade; um sistema falho que não oferece o devido suporte. Seguem alguns trechos relevantes para melhor compreensão.

Do ponto de vista dos entrevistados fica claro o esforço do Conselho para multar e fiscalizar o profissional, buscando verificar se o mesmo está com os pagamentos em dia.

Acho um péssimo sistema do jeito que está hoje, não me ajuda em nada. Eu só tenho porque eu posso sofrer alguma coisa legal. (ENTREVISTADO Nº 1)

Pago porque tenho que pagar e estar em dia. (ENTREVISTADA Nº 5)

Só pago a anuidade, que são quinhentos e poucos reais, porque tenho um estabelecimento e eu preciso ter para poder dar aula. (ENTREVISTADO Nº 1)

Minha relação com o CREF não é nada boa. Eu já estava formada na licenciatura e recebi uma autuação na academia que trabalhava com carteira assinada. Eles foram lá em um horário que eu estava trabalhando. Esse processo levou anos, isso foi em 2011 e só neste ano se resolveu. Eu tive que pagar uma multa que foi uma anuidade do CREF, que eu achei um absurdo. (ENTREVISTADA Nº 5)

Pra mim o Conselho só serve para multar o profissional que não está registrado. (ENTREVISTADO Nº 7)

Além da preocupação com os impedimentos para se trabalhar, os interlocutores deste estudo sublinharam que o Conselho cobra uma anuidade altíssima e que não se observa um retorno, uma utilidade em termos de benefícios.

Pago uma anuidade altíssima. (ENTREVISTADA Nº 7)

Mas na minha atuação, eu que estou em dia [com a anuidade], não ganho nada com isso. (ENTREVISTADA Nº 7)

Até agora a única coisa que eles fizeram por mim foi dar uma agenda e, de vez em quando, fazer uma visita surpresa na Academia, mas nada que eles fizessem por mim, nada de apoio assim. (ENTREVISTADO Nº 6)

Nesse sentido de carências de investimentos diretamente orientados para aqueles que pagam – não apenas para aqueles que deixam de fazê-lo – é que o entrevistado nº 01 se manifesta, afirmando que se trata de um sistema falho, sobretudo porque não oferece o suporte esperado. Para esse interlocutor:

[...] é um sistema falho, que tem uma teoria muito bonita, mas como várias coisas no Brasil só funcionam na teoria. (ENTREVISTADO Nº 1)

[...] como apoiar um Conselho que diz que a remuneração de uma pessoa que ficou quatro anos estudando e deve ganhar R\$ 8,00 reais a hora. (ENTREVISTADO Nº 1)

Fica evidente que os profissionais entrevistados esperavam um Conselho somador, um agente de proteção aos seus profissionais. No entanto entendo como importante ter clareza da real finalidade desse conselho. Conforme o estatuto do CONFEF:

Art. 5º - O CONFEF tem por finalidade defender a sociedade, zelando pela qualidade dos serviços profissionais oferecidos na área de atividades físicas, desportivas e similares, bem como pela harmonia dos entes do Sistema CONFEF/CREFs.

Art. 6º - Os CREFs têm por finalidade promover os deveres e defender os direitos dos Profissionais de Educação Física e das pessoas jurídicas que neles estejam registrados. (Estatuto do Conselho Federal de Educação Física publicado no DO. nº 237, seção 1, pág. 137 a 143, de 13/12/2010).

4.7 Rotina de trabalho

No que se refere à rotina de trabalho dos egressos, pode-se perceber que a jornada de trabalho é bastante fragmentada. Ela inicia bem cedo e termina já no meio da noite, sendo que ao longo do dia de trabalho ocorrem diversos deslocamentos por terem alunos de *personal* em lugares distintos, cabendo também aos professores arcar com as despesas de deslocamento. Algumas afirmações dos entrevistados ajudam a compreender melhor essa dinâmica mais fragmentada:

Tem dias que eu só trabalho pela manhã, outros só à noite e outros manhã e noite. (ENTREVISTADO Nº 01)

[...] depende do dia da semana, mas não chega passar de seis horas por dia, às vezes em turnos alternados, manhã e noite. (ENTREVISTADO Nº 05)

Minha rotina é bem tranquila; tenho atendimentos de *Coaching*, alguns pela manhã bem cedo outros à tarde e outros à noite. Nesses intervalos dou as aulas de *personal*. Tem três dias da semana que dou aula às seis e meia e às oito horas na sequência. (ENTREVISTADO Nº 02)

Referente ao fato de trabalharem em lugares variados destaca-se a manifestação dos interlocutores a seguir.

Um aluno no centro de Canoas, três alunos na Academia do Shopping de Canoas [...] e tenho dois alunos em uma academia em Niterói. (ENTREVISTADO N°02)

Dou aula em Camaquã segunda e terça e às vezes na quarta pela manhã. Quarta à tarde, quinta manhã e noite e sexta pela manhã em Porto Alegre e sábado pela manhã em Camaquã. (ENTREVISTADO N°03)

Trabalho em seis lugares diferentes, em alguns deles eu tenho mais de um aluno em dias e horários alternados. Dou aula tanto em academia que eles pagam mensalidade, tanto em academia de condomínio e também dou aula em casa. Os locais de trabalho e a estrutura são bem variados. (ENTREVISTADO N°05)

Ao questionar o quesito remuneração pelo deslocamento os entrevistados relataram que as despesas com deslocamento ficam por conta deles mesmos, como evidencia a fala do entrevistado n° 03 “o deslocamento é por minha conta mesmo. Eu me desloco de bicicleta ou de carro normalmente.” Justamente o entrevistado n° 03 atende em Camaquã sendo residente em Porto Alegre. Entretanto, outros, como a entrevistada n° 07 já saiu de Porto Alegre pensando em uma maior qualidade de vida, morando a uma quadra da academia. Também destaca-se o relato do egresso n° 06, tendo carteira assinada recebe um valor mensal para seu deslocamento de carro.

Outro aspecto mencionado nas manifestações dos entrevistados n° 01 e n° 03 esteve relacionado com a necessidade de se articular de acordo os interesses dos clientes.

Eu trabalho antes e depois dos trabalhadores “comuns”, eu pego esses caras antes e depois do trabalho. (ENTREVISTADO N° 01)

Trabalho final de semana e feriado, trabalho onde tiver que trabalhar a gente não tem muita opção também. (ENTREVISTADO N° 03)

Também foi identificado que alguns entrevistados, desenvolviam mais de uma função no seu local de trabalho ou ainda obtinham duas fontes de renda, a fim de compor seus rendimentos. Nesse quesito destaquei a fala dos entrevistados n° 01, n° 02 e n° 03.

Divido meu tempo no gerenciamento e também como professor. (ENTREVISTADO N° 01)

Tenho seis horários de *personal*, mas minha principal fonte de renda é com *Coaching* com a consultoria, ambos são *on-line*, eu trabalho mais em casa. (ENTREVISTADO N° 02)

Dou aula de *personal* em três academias e estou auxiliando uma academia no formato de gestão. (ENTREVISTADO N° 03)

A partir dos relatos mencionados nesse bloco, foi possível identificar novamente algumas características de um profissional liberal, tais como um horário fragmentado de acordo com a necessidade do cliente. Desse modo o profissional exerce autonomia e liberdade de gerir seu tempo, seu negócio. Sendo assim ajustar-se as novas demandas de mercado tornou-se imprescindível para se manter ativo e alcançar seu objetivo. Gawryszewski (2005) ajuda entender melhor tal situação quando diz que as novas tendências do mercado de trabalho trazem consigo um novo perfil do trabalhador para a sociedade, o perfil de um profissional liberal.

4.8 Condições de intervenção e de remuneração

Outro ponto acerca do qual busquei informações envolveu questionamentos sobre as condições de intervenção profissional e de remuneração. Sobre isso alguns aspectos se destacaram nas entrevistas, tais como: a busca por captar alunos e estar dentro do mercado; crítica aos valores de remuneração pagos pelo mercado *fitness*; satisfação profissional; mercado promissor, que está melhorando; variação do valor da hora aula; perspectivas de mercado e ocupações e vínculos.

No que se refere à necessidade de captar alunos e estar dentro do mercado, é preciso ressaltar que o serviço de *personal* é um dos mais exigentes, tendo em vista que é descrito pelos entrevistados como uma ótima fonte de renda, porém atualmente conta com uma vasta concorrência. Nesse sentido vale mencionar, como exemplos, as afirmações dos entrevistados nº 03, nº 05, nº 01, que seguem.

[...] vou dando *personal* enquanto isso, pois não tenho muita opção no momento, pois se eu for trabalhar em uma academia vou trabalhar bem mais para ganhar bem menos que nas minhas aulas de *personal*. (ENTREVISTADO Nº 03)

Ganha bem quem quer ganhar bem. Eu já consegui ganhar ótimos salários quando eu estava bem dedicado ao curso, algo assim como cinco a seis mil reais por mês [...] Hoje eu ganho bem menos, pois venho de um período bem exaustivo, bateu o cansaço de ficar correndo atrás o tempo todo, um período de descanso, voltar mesmo só em março. (ENTREVISTADO Nº 03)

A dificuldade mesmo é que a gente tem que estar sempre captando aluno, porque o meu trabalho depende disso. Tem aluno que começa e não consegue dar continuidade e outros que estão comigo há bastante tempo. A maior dificuldade que eu encontro é que temos que estar sempre nos inserindo, vendendo o nosso serviço, sempre correndo atrás. (ENTREVISTADA Nº 05)

O mercado vai estar bem para aqueles que correm atrás e empreendem [...]. Temos que estar sempre correndo atrás, porque a gente precisa de aluno, sempre bem “antenado” com as oportunidades que nos aparecem. (ENTREVISTADA Nº 05)

Tem que estar sempre estudando, se atualizar, buscar cursos novos e aprendendo. Estar se vendendo não só como profissional, mas também como empreendedor. Tem que ser *personal* para ganhar mais, abrir seu próprio negócio ou ter uma equipe, porque sendo empregado de uma academia é muito difícil ser bem remunerado. Até pode, mas vai ter que trabalhar muito. Vejo que hoje o profissional tem que se especializar, pois se ficar no comum provavelmente ele vai sair da área, porque não vai conseguir se sustentar. (ENTREVISTADO N° 01)

Segundo Gawryszewski (2005) e, nessa perspectiva do empreendedorismo flagrante nos conteúdos acima descritos, a busca pela adequação às novas relações de trabalho tem se intensificado, pois o profissional precisa estar apto para desenvolver suas funções e estar preparado para novos desafios. Aquele que tem vontade de crescer precisa de um desenvolvimento global, boa apresentação, comunicação verbal, motivação, liderança entre outros aspectos.

Noutra perspectiva, mais crítica a esse processo, Quelhas (2012) afirma que esta preocupação em se produzir como força de trabalho mais qualificada se tornou imprescindível para o egresso se manter ativo e atualizado em um mercado em constante transformação. No entanto, salienta este autor, que o egresso acaba sendo o único responsável pelo seu sucesso profissional, mais uma vez aparece claramente as características do neoliberalismo, no qual as relações de mercado assumem um papel central. O cenário é preocupante, conforme essa linha crítica. Exatamente porque cabe aos sujeitos defenderem-se enquanto sujeitos empreendedores nas lógicas de competições.

Ainda que os interlocutores do estudo digam sobre a possibilidade de ganhos considerados bons, no que se refere às remunerações pagas pelo universo *fitness*, elas são fortemente criticadas pelos egressos, tendo em vista uma baixa valorização profissional e falta de uma política clara de remuneração. Nesse sentido e já relacionando com aquela preocupação mencionada por Quelhas (2012) trazida acima, destaco as afirmações e descrições dos entrevistados n° 06 e n° 05.

O que eu vejo hoje em dia e meio que uma prostituição assim da profissão, porque a remuneração ainda é bem baixa para alto o investimento que a gente faz de quatro anos de curso, às vezes até mais, cinco, seis, sete anos de curso para uma remuneração baixa. (ENTREVISTADO N° 06)

Remuneração, ainda é bastante desvalorizada. Se eu cobro a hora aula cinquenta reais as pessoas acham caro, mas dentro desse valor está o meu deslocamento, o tempo de preparação do treino desse aluno e uma hora inteira que eu despendi com ele. (ENTREVISTADO N° 05)

A entrevistada n° 05 aponta um aspecto bem relevante quando compara uma consulta médica de vinte minutos com valores de até quatrocentos reais. O entrevistado n° 02 também

compara uma hora de consulta com uma psicóloga no valor de duzentos reais com duas horas de *personal* por semana com valores de 60 reais à hora aula, sendo que nos é exigido um comprometimento físico além do intelectual. A entrevistada nº 05 completa com a seguinte frase:

Espero que, aos poucos, as pessoas entendam a importância do nosso papel e do trabalho que a gente faz com elas, que não é só estética, mas principalmente saúde. Espero que, aos poucos, a gente saiba se colocar melhor no mercado de trabalho e não aceitar qualquer valor como dez reais [...]. (ENTREVISTADA Nº 05)

O entrevistado nº 02 também faz uma comparação significativa do universo *fitness* com sua segunda ocupação, de *Coaching*, conforme segue abaixo.

Minha hora aula deveria ser maior. Minha hora do *Coaching* é R\$ 125,00 (cento e vinte cinco reais), sendo que tenho uma formação de apenas trinta horas, enquanto na Educação Física foi mais de duas mil horas. (ENTREVISTADO Nº 02)

Em contrapartida, quando se trata dos próprios rendimentos, verifiquei uma satisfação de alguns colaboradores, considerando seus valores acima do mercado.

Pela pesquisa que eu fiz, essa academia que eu estou está até acima dos valores que são praticados no mercado, por isso que me chamou mais a atenção, como eu tenho família e tudo mais me chamou atenção que fosse um salário um pouco mais alto. (ENTREVISTADO Nº 06)

Eu cobro à hora aula do *personal* R\$ 35,00(trinta e cinco) a R\$ 45,00 (quarenta e cinco reais). Creio que é um preço médio, bom. Isso é o mesmo que ganha um professor de aula coletiva. (ENTREVISTADO Nº 03)

Acho que minha remuneração está acima do mercado, mas porque sou dono, se fosse empregado teria que trabalhar o dobro. (ENTREVISTADO Nº 01)

Quanto à remuneração, eu acho que estou em uma situação privilegiada, em relação aos colegas que recém se formaram, surgiu essa parceria que foi boa. (ENTREVISTADA Nº 07)

Acho que minha hora aula é muito boa [...]. Quase cinco salários mínimos para o número de horas que trabalho eu acho que é bastante coisa, perante o cenário atual e o cenário da Educação Física. Mas acho pouco pelo trabalho que eu desenvolvo, pelo benefício que eu trago para aquela pessoa. (ENTREVISTADO Nº 02)

Isso significa que, em termos de condições de trabalho, não imperam aspectos apenas negativos. Algumas ponderações apontam o universo *fitness* como um mercado promissor, que está melhorando, mas que ainda tem muito para melhorar.

A Educação Física ainda não é bem remunerada, está melhorando o *boom* do mundo *fitness* de saúde. Mudou bastante para quem atua nessa área de *personal*. (ENTREVISTADO Nº 02)

Mercado de academia está muito bom. (ENTREVISTADO N° 03)

Um aspecto importante em termos de remuneração, até certo ponto surpreendente, que surgiu em algumas respostas foi variação do valor da hora aula estar relacionada ao tipo de aluno e não a qualificação do profissional.

[...] vamos ter acréscimo se nós conseguirmos trabalhar com aqueles alunos que têm o valor aquisitivo maior. Não cobro acima da média, até porque não trabalho com aluno classe A. (ENTREVISTADA N° 05)

[...] o Bacharel indo para esse meio (*personal*) tem muita gente que paga muito bem. Se eu fosse atuar em Porto Alegre eu iria procurar as academias mais *tops*, público para pagar tem. Precisamos aproveitar esse *boom*. (ENTREVISTADO N° 02)

Acho que o profissional tem que buscar alunos mais personalizados para poder tirar uma renda maior. Procurar academias mais chiques, mas ainda é muito difícil ganhar uma boa remuneração. (ENTREVISTADO N° 01)

Ficou evidente nas falas que o profissional de *personal* pode cobrar mais alto de determinados públicos, no entanto ficou a reflexão: pode se oferecer o mesmo trabalho, o mesmo conhecimento e cobrar mais porque a pessoa tem mais poder aquisitivo.

Na sua tese, Quelhas (2012, p. 195) levantou a mesma questão: “Observamos também, que os valores cobrados pelo serviço de *personal trainer* levam em conta, muitas vezes, o poder aquisitivo do cliente, ou seja, não é estipulado em função do valor do serviço prestado, mas sim do perfil socioeconômico do contratante”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente estudo foi analisar as condições de trabalho dos egressos do curso de Educação Física da ESEFID/UFRGS no universo *fitness*, na região metropolitana de Porto Alegre. Para respondê-lo com mais clareza foram traçados os seguintes objetivos específicos: Saber como os profissionais descrevem as características gerais do mercado *fitness*; Conhecer as condições de trabalho no que se refere às leis trabalhistas; Verificar as condições objetivas de trabalho sobre a sua rotina diária; Identificar como se dá a relação do profissional com os Conselhos CREF/CONFEF; Saber se ocorreram dificuldades ou barreiras para ingressar no mercado de trabalho.

Para isso foi realizada uma pesquisa exploratória através de uma entrevista semiestruturada, com cinco questões abertas. As respostas foram analisadas e separadas de acordo com as unidades de significado, a fim de atender as demandas dos objetivos específicos.

Com relação às características do universo *fitness*, verificou-se nos relatos dos entrevistados um mercado em crescimento, porém, ao contrario da expectativa econômica positiva esperada, percebi uma desvalorização dos serviços prestados pelos profissionais, assinalado pela informalidade.

No que se refere às condições de trabalho, relacionada às leis trabalhistas, o trabalho como *personal* foi o mais destacado, no entanto não existe nenhum tipo de vínculo empregatício ou contrato de trabalho, o que segundo alguns autores dentre eles Coimbra (2009) e Mendes (2014) caracterizam um mercado de trabalho precário, sem estabilidade profissional.

Com relação às condições de trabalho vinculadas as rotinas diárias, identifiquei algumas características de um profissional liberal, tais como um horário fragmentado de acordo com a necessidade do cliente, bem como deslocamentos variados durante o dia por terem alunos de *personal* em lugares distintos, cabendo também aos profissionais arcar com as despesas de deslocamento. O profissional liberal caracterizado por ser um prestador de serviço, um empreendedor que exerce autonomia e flexibilidade de gerir seu tempo, seu negócio. Entretanto como já citado anteriormente “[...] esta desvinculado do trabalho assalariado típico, e as condições de trabalho nelas encontradas tendem a um padrão inferior em frente à condição assalariada”. (MENDES, 2014, p. 23)

Outro aspecto considerado foi à relação dos entrevistados com os conselhos CONFEF/CREF, quando interrogados sobre os mesmos, os entrevistados revelaram algumas

características marcantes, tais como um conselho que cobra uma anuidade altíssima e que não se observa um retorno, uma utilidade em termos de benefícios. Do ponto de vista dos entrevistados ficou claro que eles esperavam um conselho somador, um agente de proteção aos seus profissionais.

Referente às dificuldades ou barreiras para ingressar no mercado de trabalho, durante as entrevistas surgiram novas articulações, tais como: trajetória dos profissionais; expectativas de formação para o trabalho; vida útil do profissional; condições de intervenção e de remuneração.

Com base nos resultados recorrentes, foi possível destacar que o mercado *fitness* não era a primeira opção dos entrevistados, no entanto identifiquei que o universo *fitness* tem atraído tanto os licenciados quanto os bacharéis, possivelmente devido à proliferação das práticas corporais, sendo que as práticas de atividade física vêm se intensificando, acentuando o mercado *fitness*. No que se refere às expectativas de formação para o trabalho foi recorrente a afirmação dos interlocutores de que durante a graduação já estavam envolvidos com a área e que não tiveram dificuldade de ingressar. No entanto, chamou minha atenção o fato de vários deles ressaltarem que não encontraram na formação curricular alguns elementos que consideram importantes para exercer a profissão na área *fitness*. Sobre o aspecto da vida útil do trabalhador, evidenciou-se uma preocupação dos egressos através do interesse em investir em coisas novas e buscar uma regularização no que se refere às leis trabalhistas.

Sobre as condições de intervenção e remuneração destacaram-se alguns aspectos, tais como: a busca por captar alunos e estar dentro do mercado; crítica aos valores de remuneração pagos pelo mercado *fitness*; satisfação profissional; mercado promissor que está melhorando; variação do valor da hora aula.

Frente a tudo isso, é possível concluir que dentro do universo *fitness* existe uma lógica de mercado informal e volátil que contribui para a busca imediata por recursos e dificulta um planejamento futuro. Entendo que há uma necessidade de especialização do profissional que vai além da sua formação acadêmica. Para ser um bom profissional e se manter ativo no mercado, o egresso deve seguir estudando e se aperfeiçoado, principalmente frente a um mercado em constante crescimento e cada vez mais competitivo.

Como era previsto na justificativa do presente estudo, buscou-se analisar se as condições de trabalho encontradas na literatura, bem como nas minhas próprias experiências se evidenciavam na vida de outros egressos. E as conclusões vão ao encontro daquilo que era aguardado, tendo em vista que foi encontrado um mercado muito promissor, mas que por vez

não favorece o trabalhador, o qual parece estar inserido em uma lógica de mercado como se a tendência à informalização do trabalho já fosse um fato concreto na sociedade.

Poderia ajudar a aprofundar esse estudo se o questionário fosse realizado com egressos de anos anteriores, de modo que possibilitaria analisar e conhecer melhor o universo *fitness* no qual estão inseridos muitos desses profissionais.

6 REFERÊNCIAS

ALVES, G. **A tessitura da redundância:** elementos teórico-metodológicos para uma investigação sobre a experiência da precarização do trabalho no Brasil. 31ª Reunião Anual da ANPOCS, Caxambu, 22 a 26 out. 2007a.

ALVES, G.; ANTUNES, R. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Revista Educação e Sociedade**, v. 25, n.87, p. 335-351, mai. 2004.

ANDERAÓS, M. **A reorganização da formação profissional em educação física no Brasil:** aspectos históricos significativos. 2005. 185 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 2005.

BASSO, I. S. Significado e sentido do trabalho docente. **Caderno CEDES**, Campinas, v.19, n. 44, abr. 1998.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n 1 (3), p. 68-80, jan-jul.2005.

BOSSLE, C. B.; FRAGA, A. B. O *personaltrainer* na perspectiva do marketing. **Revista Brasileira de Ciências Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 149-162, jan./mar. 2011.

BOTH, V. J. **Mudanças no mundo do trabalho e suas mediações na educação física.** 2009. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: UFPel, 2009.

BRASIL. Lei nº 9.696, de 1º de setembro de 1998. Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 02 set.1998.

CAPARROZ, F. E. Entre a educação física na escola e a educação física da escola: a educação física como componente curricular. Vitória: UFES, 1997.

COELHO FILHO, C. A. A. O discurso do profissional de ginástica em academia no Rio de Janeiro. **Movimento**, ano VI, n. 12, p. 14-24, 2000.

COIMBRA, T. C. **O reordenamento no mundo do trabalho e a precarização do trabalho do professor de educação física:** mediações da mercadorização da cultura corporal. 2009. 225 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

DARIDO, S. C; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola:** implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan,2005.

FIGUEIRA, M. L. M. de; GOELLNER, S. V. A promoção do estilo atlético na revista capricho e a produção de uma representação de corpo adolescente feminino contemporâneo. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 87-99, jan. 2005.

GAWRYSZEWSKI, B. Educação Física e a liberalização da profissão. **Educación Física y Deporte Revista Digital**, Buenos Aires, ano 10, n. 86, jul. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd86/ef.htm>>. Acesso em: 13 de nov.2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

QUELHAS, A. de A. **Trabalhadores de educação física no segmento fitness: um estudo da precarização do trabalho no Rio de Janeiro**. 2012. 242f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)-Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.

MATTAR, F. N. Pesquisa de marketing. São Paulo: Atlas, 1994.

MENDES, A. D. **Educação física: atuação profissional e condições de trabalho em academias**. Porto Alegre: Orquestra, 2014.

MINAYO, M. C. S. O Desafio do Conhecimento-Pesquisa Qualitativa em Saúde. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

NOGUEIRA, L. S. F. **Qualidade de vida no trabalho do professor de Educação Física: um estudo sobre a decência laboral em academias a partir do ponto de vista docente**. 2006. Tese (Doutorado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2006.

NOZAKI, H. **Educação Física e Reordenamento no Mundo do Trabalho: Mediações da regulamentação da profissão**. 2004. 399 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

NOZAKI, H. Trabalho e educação na atualidade: mediações com a Educação Física brasileira. **Educação**, Santa Maria, v. 40, n. 1, p. 183-200, jan./abr. 2015.

PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS E TCLE EM PESQUISAS REALIZADAS REMOTAMENTE. 2016. Disponível em: <<http://pesquisa.unifacs.br/wp-content/uploads/2012/08/Procedimentos-para-Pesquisas-realizadas-remotamente.pdf>>. Acesso em: 05 de Dez. 2016.

REVISTA CREF/SP. São Paulo: Ano IV, n.13, 2005.

SANTOS, T. S. dos. Do artesanato intelectual ao contexto virtual: ferramentas metodológicas para a pesquisa social. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n.21, p. 120-156, jan./jun. 2009. DOSSIÊ.

SILVA. A. M. S; DAMIANI, I. R. (Org.). As práticas corporais na contemporaneidade: pressupostos de um campo de pesquisa e intervenção social. Florianópolis, **Ciência & Arte**, v. 3, p.100, 2005.

SILVA, G. G. da; FRIZZO, G. F. E. Crítica à regulamentação da profissão e à produção científica defensora do sistema CONFED/CREFs. **Revista Motrivivência**, ano XXIII, n. 36, p. 149-168, jun., 2011.

SILVA, S.A.P.S.A pesquisa qualitativa em educação física. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.10, n.1, p.87-98, 1996.

SOUZA, A. L.; PRIMO, P. F. **Análise da trajetória profissional do egresso do curso de educação física no mundo do trabalho.** Vitória, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/samia/Downloads/7197-25347-1-PB.pdf> Acesso em: 27 out.2016.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Roteiro da entrevista

Entrevista aberta

Nome:

Idade:

Formação:

Data de egresso:

- 1) (Condições de trabalho no que se refere às leis trabalhistas) Em qual(is) local(is) você trabalha? Quais as condições e o vínculo empregatício que você possui neste(s) local(is)?

- 2) (Condições objetivas de trabalho) Me fale sobre a sua rotina de trabalho:

- 3) (Sobre a relação do profissional com os Conselhos) Qual a sua relação com o CREF e o CONFEF? Você está ou não registrado? Os conselhos influenciam na sua atuação profissional? Se sim, como?

- 4) Quais as dificuldades que você encontrou ao ingressar no mercado de trabalho?

- 5) Para finalizar, como você percebe a sua profissão em relação às condições de trabalho e à remuneração? E como você avalia a área de atuação do bacharel em Educação Física nos dias de hoje? E o currículo da ESEF frente a tudo isso?

Apêndice 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do estudo: **O egresso de Educação Física da ESEFID/UFRGS no universo fitness, na região metropolitana: suas condições de trabalho**

Pesquisadores responsáveis: **Samia de Oliveira, Mauro Myskiw e Maitê Venuto de Freitas.**

Instituição/Departamento: **Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

Telefone para contato: (51) 982898435

Objetivo do estudo: Identificar as condições de trabalho dos egressos do curso de Educação Física da ESEFID/UFRGS no universo *fitness*, na região metropolitana, formados entre 2015/2 e 2016/1.

Prezado(a) Senhor(a):

SOBRE A ADESÃO: Você está sendo convidado(a) a responder às perguntas deste roteiro, de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento, considerando que:

- Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decida a participar.
- Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

SOBRE A PARTICIPAÇÃO: Sua participação nesta pesquisa consistirá em:

- Disponibilizar um tempo aproximado de 30 minutos para uma entrevista;
- Possibilitar que o conteúdo das respostas seja gravado para posterior utilização transcrição e utilização como base para o atendimento do objetivo acima.

SOBRE OS BENEFÍCIOS: A finalidade desta pesquisa é ampliar os conhecimentos sobre a situação dos egressos do curso de bacharelado em Educação Física, sem um benefício direto para você. Entretanto, o debate que será desenvolvido neste trabalho trará contribuições para a área, mais especificamente no que diz respeito à realidade de atuação do profissional/professor de Educação Física. Após concluído o trabalho, lhe entregaremos uma cópia do relatório para que tenha acesso aos resultados.

SOBRE OS RISCOS: A participação como entrevistado na resposta das questões não representará risco de ordem física ou psicológica. Durante as entrevistas, caso você observe

qualquer tipo de constrangimento ou conflito de interesses, basta manifestar para que o processo seja encerrado.

SOBRE O SIGILO: As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos e os estabelecimentos envolvidos na pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo se os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

DECLARAÇÃO DE ESCLARECIMENTO E DE CONSENTIMENTO

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____
_____, estou de acordo em participar desta pesquisa,
assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Local e data: _____.

Assinatura

N. identidade

Assinatura do pesquisador/entrevistador:

Assinatura

N. identidade